



Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens 3

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens 3 [recurso eletrônico] /
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;
v.3)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-071-1
DOI 10.22533/at.ed.711192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O EDUCAR PARA A VIDA: PONTOS DE DESENCONTROS ENTRE A EDUCAÇÃO E A VIDA EM DALCÍDIO	
Idalina Ferreira Caldas José Valdinei Albuquerque Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.7111925011	
CAPÍTULO 2	8
O ESPAÇO URBANO ENTRE MAZELAS, CONTRASTES SOCIAIS E VIOLÊNCIA EM FELIZ ANO NOVO E O OUTRO, DE RUBEM FONSECA	
Thalita de Sousa Lucena Silvana Maria Pantoja dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7111925012	
CAPÍTULO 3	18
O ETHOS DAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS E LYA LUFT SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO DISCURSO EM MAINGUENEAU	
Giovanna de Araújo Leite	
DOI 10.22533/at.ed.7111925013	
CAPÍTULO 4	26
O GÊNERO MEMÓRIAS COMO OBJETO DE ENSINO NO AMBIENTE DIGITAL	
Karla Simões de Andrade Lima Bertotti Sandra Maria de Lima Alves José Herbertt Neves Florencio	
DOI 10.22533/at.ed.7111925014	
CAPÍTULO 5	37
O JORNAL ESCOLAR COMO LUGAR DE PRÁTICAS DISCURSIVAS E SOCIAIS: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE O GÊNERO EDITORIAL	
Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho Elisabeth Cavalcanti Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.7111925015	
CAPÍTULO 6	47
O LETRAMENTO LITERÁRIO E A INTERDISCIPLINARIDADE NO USO DO GÊNERO POEMA	
Gildma Ferreira Galvão Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.7111925016	
CAPÍTULO 7	58
O <i>PAGADOR DE PROMESSAS</i> E “O DIA EM QUE EXPLODIU MABATA-BATA”: CONFIGURAÇÕES TRÁGICAS	
Erenil Oliveira Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.7111925017	

CAPÍTULO 8	70
O PAPEL TRANSFORMADOR DA LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE: REFLEXÕES A PARTIR DE “A HISTÓRIA DO JOÃO-DE-BARRO”	
Laís Gumier Schimith Priscila Paschoalino Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.7111925018	
CAPÍTULO 9	86
O TEXTO LITERÁRIO NUMA PROPOSTA DE SALA DE AULA TECNOLÓGICA INVERTIDA	
Antonia Maria Medeiros da Cruz Maria Ladjane dos Santos Pereira Silvânia Maria da Silva Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.7111925019	
CAPÍTULO 10	93
OS GESTOS DIDÁTICOS NO ENSINO DE GÊNEROS DE TEXTO	
Ribamar Ferreira de Oliveira Gustavo Lima	
DOI 10.22533/at.ed.71119250110	
CAPÍTULO 11	108
PARA ALÉM DOS LIMITES DA SALA DE AULA: NOVAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA ATRAVÉS DO USO DO WHATSAPP NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA	
Jailine Mayara Sousa de Farias Barbara Cabral Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.71119250111	
CAPÍTULO 12	119
POR QUE SER UM CLÁSSICO? – NOTAS EM ABISMO SOBRE “SE UM VIAJANTE NUMA NOITE DE INVERNO”, DE ITALO CALVINO	
Patricia Gonçalves Tenório	
DOI 10.22533/at.ed.71119250112	
CAPÍTULO 13	129
POR UMA LINGUAGEM ÚNICA: A PICTOGRAFIA DE ANTONIN ARTAUD	
Jhony Adelio Skeika	
DOI 10.22533/at.ed.71119250113	
CAPÍTULO 14	146
PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA SOB A PERSPECTIVA INTERTEXTUAL COM ALUNOS DA ESCOLA BÁSICA	
Valeria Cristina de Abreu Vale Caetano	
DOI 10.22533/at.ed.71119250114	
CAPÍTULO 15	156
PRÁTICAS DE LEITURA NA AMAZÔNIA POR PERSONAGENS-LEITORES MARGINALIZADOS	
Regina Barbosa da Costa Marli Tereza Furtado	
DOI 10.22533/at.ed.71119250115	

CAPÍTULO 16	165
REPERTÓRIO DE VAQUEIRO: TRANSCRIÇÃO E NARRAÇÃO	
Joanna de Azambuja Picoli Maria de Fátima Rocha Medina	
DOI 10.22533/at.ed.71119250116	
CAPÍTULO 17	176
ROSAURA, A ENJEITADA (1883): EFÍGIE OU ESFINGE DE BERNARDO GUIMARÃES?	
Marcus Caetano Domingos	
DOI 10.22533/at.ed.71119250117	
CAPÍTULO 18	191
SUPRESSÃO DAS VOGAL /A/ INICIAL NO DIALETO MOCAJUBENSE	
Ana Cristina Braga Barros Many Taiane Silva Ferreira Maria Rosa Gonçalves Barreiros Murilo Lima de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.71119250118	
CAPÍTULO 19	199
UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE A VOZ DE SUCESSO NA REVISTA CARTA CAPITAL	
Thiago Barbosa Soares	
DOI 10.22533/at.ed.71119250119	
CAPÍTULO 20	214
VOZES MÚLTIPLAS NA CANÇÃO DE ITAMAR ASSUMPÇÃO	
Bruno César Ribeiro Barbosa Susana Souto Silva	
DOI 10.22533/at.ed.71119250120	
CAPÍTULO 21	226
“SUBA EM DIAGONAL, PARA A DIREITA, EM UM ÂNGULO OBTUSO, UNS 4CM”: DESCOMPARTIMENTANDO SABERES E HABILIDADES DE LEITURA EM MATEMÁTICA E EM LÍNGUA PORTUGUESA	
Adriano de Souza Sônia Maria da Silva Junqueira	
DOI 10.22533/at.ed.71119250121	
CAPÍTULO 22	238
A ATUALIDADE DA CRÍTICA DE LIMA BARRETO AOS PODERES CONSTITUÍDOS NA REPÚBLICA VELHA	
Renato dos Santos Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.71119250122	
CAPÍTULO 23	246
A PROSÓDIA DOS VOCATIVOS NO PORTUGUÊS DO LIBOLO EM FALA SEMIESPONTÂNEA	
Vinícius Gonçalves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.71119250123	
SOBRE A ORGANIZADORA	258

O PAGADOR DE PROMESSAS E “O DIA EM QUE EXPLODIU MABATA-BATA”: CONFIGURAÇÕES TRÁGICAS

Erenil Oliveira Magalhães

Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Unemat de Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil, 78300-000. *E-mail:* eremagalhaes@hotmail.com.

RESUMO: Este artigo pretende analisar como o aspecto da promessa pode configurar-se como trágico em duas obras – a peça *O pagador de promessas*, de Dias Gomes, e o conto “O dia em que explodiu Mabata-Bata”, de Mia Couto. Argumenta-se que o modo de configuração do trágico é diferente nessas duas criações literárias. Se, por um lado, na peça, Zé-do-Burro quer a qualquer preço pagar a promessa por realmente acreditar no poder e força que ela tem, por outro lado, no conto, o tio do menino Azarias utiliza-se da palavra empenhada para tirar proveito dela, sem nenhuma intenção de cumprir um acordo pré-estabelecido. A intenção maior era tirar proveito diante de uma situação que se criou. Assim, buscaremos mostrar a constituição do trágico nas referidas obras por meio dos diferentes aspectos da promessa e de suas diferentes conotações, mobilizando, para isso, um enfoque da Literatura Comparada. No conto de Mia Couto, a promessa não cumprida por parte de Raul faz-nos pensar tragicamente em tudo que é negado ao povo moçambicano no momento histórico do pós-independência. Azarias seria a voz que ressurgiu das cinzas e

que alude a resquícios da subordinação entre colonizado e colonizador, que ainda marca as relações de poder em Moçambique. Ele pode, ainda, representar os sonhos de muitos outros Azarias, que quase sempre acabam frustrados. Em Dias Gomes, à personagem Zé-do-Burro também é negado o direito de honrar o seu propósito e a dívida com a santa, de acordo com os seus princípios religiosos, herança da formação do povo brasileiro. Reproduzimos, de forma condicionada, aspectos de uma estrutura sociocultural, que também pode ser percebida na análise que Abdala Júnior (2012) faz da personagem Paulo Honório, na obra de Graciliano Ramos. Assim como nas obras analisadas neste artigo, os Paulos Honórios de *São Bernardo* podem ser comparados aos Azarias e aos Zés-do-Burro de muitos outros contextos. Certos aspectos das narrativas humanas repetem-se independentemente do lugar onde foram produzidas. Podemos, assim, afirmar que o ser humano acessa o mundo a partir do seu lócus enunciativo.

PALAVRAS-CHAVE: Promessa. Trágico. *O pagador de Promessas*. “O dia em que explodiu Mabata-Bata”. Literatura comparada.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende analisar como o aspecto da promessa pode configurar-se

como trágico na peça teatral *O pagador de promessas*, de Dias Gomes, e no conto “O dia em que explodiu Mabata-Bata”, de Mia Couto. Argumenta-se que o modo de configuração do trágico é diferente nessas duas obras. Se, por um lado, em *O pagador de promessas*, Zé-do-Burro, personagem protagonista, quer a qualquer preço pagar a promessa por realmente acreditar no poder e na força que ela tem, por outro lado, no conto “O dia em que explodiu Mabata-Bata”, o tio do menino Azarias utiliza-se da palavra empenhada para tirar proveito da situação criada, sem nenhuma intenção de cumprir um acordo pré-estabelecido – a intenção maior era a de lograr proveito próprio. Assim, buscaremos mostrar como se dá a constituição do trágico nas referidas obras, por meio das configurações da promessa e de suas diferentes conotações. Mobilizaremos, para isso, alguns conceitos da Literatura Comparada, que pode ser entendida como o estudo da literatura para além das fronteiras de um país particular.

A promessa é um instrumento utilizado para se obter algum tipo de benefício – ou seja, dela advém frequentemente uma recompensa. Ela é manifestada pela vontade e pelo desejo das pessoas que declaram algo em troca daquilo que foi recebido. As promessas comprometem o falante com o cumprimento de algo por meio de uma jura. Historicamente, elas são bíblicas. Aliás, as promessas da *Bíblia* são as primeiras de que se tem conhecimento – há, por exemplo, as promessas de livramento, de proteção, de futuro, do impossível, da terra prometida etc. Todas elas envolvem uma graça pretendida e alcançada, se forem seguidos certos acordos. Com as promessas, Deus celebra uma aliança com aquele que cumpre o estabelecido. Por isso, as juras não são retratáveis ou passíveis de alterações; elas são apresentadas como verdades absolutas, inquestionáveis e sem nenhuma possibilidade de serem modificadas. Na *Bíblia*, estabelece-se como convicção que outros podem fazer promessas e se esquecerem delas, mas, se Deus promete, Ele sempre cumpre. O livro de Hereus anuncia que Deus nos deu tanto a sua promessa quanto o seu juramento¹. A escritura ainda diz que “quem fez a promessa é fiel”².

Hoje, a prática da promessa é muito comum. No entanto, há promessas e promessas. Existem aquelas que se fazem na simplicidade e na crença individual de cada um, como, por exemplo, as promessas aos santos, que não podem ser revogadas, por estarem no âmbito do sagrado. Nelas, há o medo e o temor de que, se não for cumprida determinada jura, poderá recair sobre a pessoa o peso de ter que arcar com todos os infortúnios advindos dessa sua postura. Em contrapartida, há promessas nas quais quase sempre não existe a menor intenção no seu cumprimento. Aqui podemos relacionar, entre outras, as promessas dos políticos em geral, que desqualificam o sentido primeiro desse termo, uma vez que não raro deixam de colocar em prática o que dizem em público.

1 Para que por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, tenhamos a firme consolação, nós, os que pomos o nosso refúgio em reter a esperança proposta (*Bíblia Sagrada*, 6:18).

2 Retenhamos firmes a confissão da nossa esperança; porque fiel é o que prometeu (*Bíblia Sagrada*, 10:26).

A PROMESSA E O SAGRADO

Em *O pagador de promessas*, de Dias Gomes, por meio de um protagonismo trágico, o herói da peça é retratado como aquele que tem um único e inabalável desígnio: o de honrar uma promessa. A obra mostra a miscigenação religiosa brasileira e retrata a sincera ingenuidade e devoção do povo, que se opõe à burocratização imposta pelo próprio sistema. Na peça, somos apresentados à saga vivenciada pelo protagonista Zé-do-Burro no cumprimento de uma promessa feita pela cura do seu burro, Nicolau. Uma vez que, perto do local onde morava, não havia uma igreja, Zé-do-Burro acaba por fazer a promessa a Iansã em um terreiro de Candomblé – pelo sincretismo religioso, Iansã corresponde à Santa Bárbara do Catolicismo. Tal promessa consistia em carregar uma cruz nos ombros até uma igreja. O personagem não sabia, contudo, que a igreja mais próxima estaria situada na cidade de Salvador, na Bahia. Precisamente porque fora feita em um terreiro de Candomblé, um padre e um monsenhor recusam-se a permitir que a jura do personagem fosse quitada na Igreja Católica. O que deveria ser um simples ato de fé toma proporções dantescas, levando à morte do pagador de promessas.

Pagar uma promessa feita ao divino, para Zé, homem simples, representa uma dívida que precisa de quitação, custe o que custar. A palavra empenhada tem grande peso. Denuncia-se na peça que, nos tempos atuais, isso não é o mais comum, visto que muitos não cumprem o que prometem, considerando a promessa apenas como um acordo que pode ser mudado a seu bel-prazer. Para a personagem Zé-do-Burro, a palavra é o que nos diferencia dos animais, é o que aproxima o personagem de Deus. O raciocínio é: já que fora Deus que salvara a vida de seu companheiro, Nicolau, fora Ele quem cumprira o acordo; a Zé incumbe apenas o sacrifício como pagamento.

Quanto ao conto de Mia Couto, a personagem Azarias, um menino órfão, sem maiores atributos, era incumbido de cuidar dos bois da fazenda do seu tio Raul. Por esse trabalho, nada recebia em troca e ali, naquela fazenda, ficava sem maiores perspectivas de vida. Por não ter nenhuma instrução, conforme sugere o conto, o maior sonho do garoto era frequentar uma escola, mesmo sendo esse um sonho distante. O boi Mabata-bata era um dos maiores animais de que Azarias cuidava, além de ser um boi muito valioso para seu tio. O drama do menino inicia-se quando, determinado dia, após Azarias madrugar-se na lida, esse boi é atingido pela explosão de uma mina, que era denominada pelo personagem de “*ndlati*”, a ave do relâmpago. Conforme afirma o conto, “a morada de *ndlati* era ali, onde se juntam os rios para nascerem da mesma vontade da água” (COUTO, 2013, p. 42³). No primeiro momento, o jovem atribui a explosão do boi ao divino e ao místico. O divino não aparece na promessa, mas pode ser visto como uma forma de libertação e, mesmo que amiúde, motiva a esperança para a justiça ser um pouco menos desigual. Isso está expresso no desejo do menino de um dia frequentar a escola. Como tantos outros, Azarias vê negado o

3 Nas citações do conto de Mia Couto, doravante informaremos apenas a página.

simples direito de estar ao lado de seus iguais.

AS PROMESSAS DOS HOMENS

Azarias, após o ocorrido e por saber o que poderia acontecer com ele, temia imensamente: “o medo escorregou dos olhos do pequeno pastor” (p. 42). Para o personagem, era terrível pensar que seria repreendido pelo tio. O menino estava num campo minado e tudo poderia explodir ao seu lado. Contudo, ele se colocava em posição de submissão a esse sistema e aderiu a hábitos próprios do processo de colonização. A simbologia presente aqui é bem característica da escrita de Mia Couto. Segundo Abdala Júnior (2012, p. 32), “nas mitologias do homem do campo de Moçambique, [...] há ecos do realismo mágico latino-americano (agenciamentos culturais entre as Américas), África e Europa”.

Nas obras analisadas, podemos verificar que o aspecto trágico se constrói a partir de uma ideia de simplicidade, associada às duas personagens. Azarias vê, na promessa do tio, a única esperança para ter seus sonhos realizados. Assim, a sua vontade ganharia contornos reais e ele poderia sair daquele mundo. O protagonista encarava a escola uma tábua de salvação, mas que era, contudo, muito difícil de alcançar. Por isso, o menino não via saídas, como podemos perceber no trecho a seguir.

Os filhos dos outros tinham direito da escola. Ele não era filho. O serviço arrancava-o cedo da cama e devolvia-o ao sono quando dentro dele já não havia resto de infância. Brincar era só com animais, nadar o rio na boleia do rabo de Mabata-bata, apostar brigas do mais forte (p. 43).

É como se os povos de determinadas nações fossem invisíveis aos olhos daqueles que detêm o poder. Podemos inferir que a promessa proferida a Azarias é suspeita e duvidosa, pois o tio não via o sobrinho como um ser humano ou alguém próspero; pelo contrário, ele resumia a vida do garoto a uma servidão contínua. Percebe-se, no conto, que o “ter” fala mais alto que o “ser” na sociedade retratada. Para o tio, Azarias não tinha que sonhar com um futuro melhor e já se destinava de antemão o que ele viria a ser: “Este, da maneira que vive misturado com a criação, há de se casar com uma vaca” (p. 43). O menino estava condenado a ficar naquele lugar, sem direito a sonhar. Assim como o tio, os demais personagens não se importavam com ele. Era trágico pensar que jamais fariam alguma coisa para melhorar a situação daquele garoto. Além disso, “e todos se riam, sem quererem saber da sua alma pequenina, dos seus sonhos maltratados” (p. 43). Assim, acentua-se a postura do dominado em contraposição ao dominante. Oportunamente, Said (1995, p. 22-23) afirma que, no discurso literário, é perceptível como parte da relação entre cultura e império está ligada a um poder que se estabelece e se impõe aos demais.

Azarias buscava um caminho, uma saída de libertação. A fuga seria sua única

alternativa, o que para ele se traduzia em tristeza, “partiu na direção do rio. Sentia que não fugia: apenas a começar o seu caminho” (p. 43). A travessia do rio separava dois espaços: um de sofrimento, o outro de esperança. O menino não sabia ao certo o que lhe esperava, mas era uma tentativa: “na outra margem parou à espera nem sabia de quê” (p. 43). Vivenciava um conflito interno, o de ousar ou de se manter ali, estagnado naquele lugar. Pode-se afirmar, conforme afirma Abdala Júnior (2012, p. 43), que o protagonista representa uma realidade histórica, “impregnações ideológicas do processo de colonização no cotidiano que atualiza estruturalmente determinados mecanismos de pensamento e ação”.

Por trás do discurso do tio, havia uma promessa que, com toda certeza, não se concretizaria. O pensamento era um só: ter o controle sobre o sobrinho, postura que flagrava bem a sua vilania diante da situação. “Esse malandro vai apanhar muito bem, quando chegar. [...]. Esse sacana do Azarias onde foi? E os outros bois andariam espalhados por aí?” (p. 44). O ambiente como um todo pode ser equiparado a um campo minado, que a qualquer hora poderá explodir. Nesse contexto, a avó do garoto entra com a clara missão de administrar a diferença entre tio e sobrinho; fica subentendido, contudo, que a intenção não era ajudar o neto e, sim, dominá-lo e fazê-lo aceitar o que a ele era imposto. Manifesta-se, nesse ponto, portanto, uma tolerância da exclusão.

O primeiro impulso do tio, quando encontra Azarias, é o de se colocar em uma posição de superioridade. Contudo, quando percebe que, daquela vez, tal atitude não funcionaria, ele abre a guarda provisoriamente e, como forma de convencer o sobrinho a retornar e a dar explicações do que tinha acontecido, apela para a saída da promessa: “Apareça lá; não tenhas medo. Não vou bater” (p. 45). Trata-se de palavras juradas em vão, é o próprio narrador quem afirma: “Jurava mentiras. Não ia bater, ia matar-lhe de porradas, quando acabasse de juntar os bois” (p. 45).

Para que Azarias ouvisse o chamado do tio, a avó aparece para intermediar e se coloca a favor do velho, com o intuito de fazer com que o neto acredite na falsa promessa, apaziguando a situação. A intenção era administrar a diferença para, então, dominar, como podemos perceber neste trecho: “o Azarias vai negar de ouvir quando chamares. A mim, há de ouvir. Aplicou de confiança chamando o pastor” (p. 45).

Azarias expressa um sentimento de medo e temor diante do tio: “Não quero, vou fugir” (p. 45), mas se vê sem saídas diante da situação: “tinha certeza de não saber aonde ia, lugar nenhum. E no fundo não acreditava que voltando para casa as coisas fossem diferentes” (p. 45). O tio ainda dizia: “Esse gajo vai voltar nem que eu lhe chamoqueie até partir-se dos bocados (p.45)” – ou seja, a única intenção era punir severamente o garoto.

Na falta de uma saída possível, o acordo entre os homens é o que resta ao jovem. Acordo esse que, mesmo o menino sabendo que não seria cumprido, gera nele uma esperança, um fôlego a mais para enfrentar o sofrimento e a luta diária: sair da punição e ainda ter a possibilidade de ser tratado como os seus iguais, indo à escola. Essa situação é negociada pela necessidade de fazer o garoto voltar às suas

obrigações de pastor e ao seu mundo de obediência e sofrimento.

OBSTÁCULOS E LUTA PARA A CONCRETIZAÇÃO DA PROMESSA

Existem obstáculos, mas também intermediações para os acordos e as promessas. Nessas últimas, são diversas as intervenções que procuram fornecer uma resolução mais amena às situações. No conto de Mia Couto, a presença e a interferência da avó era sempre no sentido de administrar e intermediar a situação a favor do tio, como neste trecho: “Cala-te, Raul. Na tua vida nem sabes da miséria. [...]. [Ao neto]: Anda meu filho, só vens comigo. Não tens culpa do boi que morreu. Anda a ajudar o teu tio juntar os animais” (p. 45). Novamente, o papel da avó é importante para que o neto continue a ser explorado pelo tio. De fato, a preocupação constante era conseguir garantir o controle sobre Azarias e, assim, a avó persegue seu objetivo e faz novas tentativas: “o teu tio está muito satisfeito. Escolhe, há de respeitar o seu pedido” (p. 46). A ideia da promessa toma forma.

A jura de Raul a Azarias poderia ser a solução para o menino, poderia mudar a sua vida para melhor. O tio seria um pretexto do qual o personagem se valia para conseguir aquilo que desejava; o sobrinho não passava de um instrumento e, por isso, a promessa poderia ser desfeita ou quebrada sem maiores preocupações. Como Raul não tinha outra saída, resolveu prometer e entrar em um acordo:

Raul achou melhor concordar com tudo naquele momento. Depois, emendaria as ilusões do rapaz e voltariam às obrigações do serviço das pastagens, por um momento acreditou que o menino estaria com os bois, com ele (p. 46).

Assim, o tio opta por aquilo que lhe era mais conveniente naquele momento. Como estava anunciada, a verdadeira intenção da avó era conquistar a confiança do neto. Ela sentia-se vitoriosa por ter conseguido convencê-lo a ficar; então, fala da promessa do tio, e diz ao neto que ele poderia escolher o seu prêmio: “O teu tio está muito satisfeito. Escolhe. Há de respeitar o seu pedido” (p. 46). Por trás de tal atitude, está a perversidade revelada em Raul, que se vale dessa artimanha para mexer com o desejo mais íntimo do sobrinho: a imensa vontade de frequentar uma escola, como os demais meninos daquele lugar.

A pretensão da fuga, por parte do garoto, ocorria porque o menino não tinha entendido nada do que se tinha passado com o boi e foi logo se culpando por situações que sempre aconteciam. Assim, resolveu fugir, em vez de ser culpado injustamente, já que não poderia justificar tamanha monstruosidade. Fugindo, poderia ter a chance de reconstruir sua vida em outro lugar. Azarias, ao ouvir a voz da avó, a confunde com a *ndlati*, a ave do relâmpago chamando. Logo percebe que não era isso. Teve, então, a sensação do mundo se abrindo para ele naquele exato momento: “Não era o rio que afundava suas palavras: era um fruto vazando de ouvidos, dores e cores. Em volta tudo se fechava, mesmo o rio suicidava sua água, o mundo embrulhava o chão nos

fumos brancos” (p. 47).

No conto, percebe-se também a vontade do personagem de sair do anonimato. A escola representava para ele a possibilidade de ultrapassar o seu mundo de confinamento – estudar era a única forma para transpor as cercas que o prendiam. O conhecimento seria a luz no fim do túnel, uma tentativa de ruptura. Contudo, Azarias trazia consigo um sentimento muito maior de fracasso e faltavam-lhe forças. Por outro lado, a narrativa de Mia Couto mostra que as utopias são necessárias e, se não as temos, estamos condenados a ficar presos e submissos a tudo que nos impede de sair de uma determinada situação que nos é apresentada. A todo momento, somos testados e desafiados; a nossa tendência é harmonizarmo-nos com aquilo que está posto. Assim, acabamos por vivenciar uma situação trágica, não assumimos uma postura e fugimos dos enfrentamentos e conflitos; suprimimo-nos e nos colocamos no papel de dominado.

Em *O pagador de promessas*, percebe-se o quanto há de intolerância religiosa em nosso país. Uma promessa a Deus, por intermédio de uma santa do candomblé, é interpretada como uma afronta às regras dos homens, algo que precisa ser impedido. Os homens criam leis próprias, impondo sobre os demais as vontades dos dominantes. Por essa razão, um ato, por mais simples que seja, que fuja dos redames dessa lei confinador, é visto como uma afronta, uma precipitação de uma revolta que precisa ser eliminada. Cumprir a palavra e permitir a justiça pode ser perigoso, pois o poder ficará atrelado aos atos e não aos que têm o discurso. O domínio através das palavras determina o que é justo e o que é de direito.

Zé-do-Burro é aquele que se sente como devedor; ele precisa honrar o compromisso feito, e, para isso, necessita da permissão das autoridades para realizar o acordo que fizera com Deus. Tal intermediação não se dá por uma questão de justiça e, sim, pelo interesse de julgar quem é merecedor, ou seja, quem é, segundo os próprios critérios da igreja, adequado ou não para adentrar o templo sagrado. O padre faz as vezes de um juiz das promessas alheias, intermediando os acontecimentos com autoridade imposta, sem levar em consideração o que é diferente; seu objetivo central é o de se manter no poder. Nesse jogo, serve-se de carrascos que, em suma, protegem algo que sequer precisam entender – precisam apenas cumprir as ordens daqueles que mantêm em seus discursos o poder e as normas mais apropriadas para cada situação, para cada devedor.

PROMESSAS E TRAGÉDIAS

Nas obras analisadas, a promessa pode ser percebida, também, como o último recurso, um alívio que pode ser efetivado por meio daquele que tem mais poder. Quando o menino Azarias exige o cumprimento da palavra do tio, ele procura por mais do que um acordo; ele quer um pacto que alivie o seu sofrimento, mesmo que tenha que continuar a pastorear quando não estiver na escola. A palavra do homem pode

não ser confiável, mas a força dela pode ser uma saída para a liberdade. Contudo, neste caso, o pacto não se estabelece por uma iniciativa pura e livre e, sim, por uma necessidade libertária, por falta de possibilidades de fugir da punição, ou da própria vida.

Por não ter mais escolhas, a personagem Azarias fecha um acordo, uma promessa com o tio. Da mesma forma, Zé-do-Burro também faz um acordo e tem a sua parcela de dívida com aquele que cumpriu o acordo de salvar o seu companheiro, o burro. Diante disso, entende que deve cumprir a sua parte da promessa, haja vista que o outro – a santa – já cumprira a parte dela. A palavra empenhada é dívida que precisa ser paga, ao contrário de muitos que se falem das juras de modo oportunista e não cumprem aquilo que prometem. Na peça de Dias Gomes, a promessa encaminha-se para o trágico, pois os vários obstáculos ao seu cumprimento vão ajudando a estabelecer um cenário disfórico. Em relação ao jovem Azarias, talvez por uma inocência ou necessidade, ele acreditava que o tio cumpriria a sua fala, mesmo sabendo que as palavras daquele e de muitos outros homens não trazem garantias de nada.

Nos dias atuais, a promessa encaminha-se para o trágico quando o cumprimento dela se transforma em encerramento e “morte” do devedor ou mesmo daquele que espera que ela seja uma luz de esperança, em um mundo onde acreditar em um futuro sem libertação já se tornara uma constante. Daí advêm os fins trágicos, não propriamente porque eles coincidem com a morte, como no caso de Zé-do-Burro, mas porque talvez o sofrimento das vidas das personagens já se configura um fim mesmo durante o seu existir. Por outras palavras, o fim trágico já está anunciado durante o viver das personagens. Assim, cada uma delas busca na promessa divina ou humana um alívio para o seu sofrimento, que começa mesmo antes das catástrofes e da calamidade que colocam outros rumos em suas vidas. A dívida é difícil de ser paga quando os homens mudam as moedas de troca.

Ao relacionar aspectos do trágico nas obras em questão, podemos afirmar que elas apresentam algumas relações de verossimilhança, por nos aproximar de questões que nos angustiam e pelas quais buscamos respostas. Tem-se uma explicação sociológica, segundo a qual o ambiente externo pode influenciar o interno, constituindo-se parte integrante do núcleo da ação dramática. Por meio dessas análises e dos estudos literários, podemos promover reflexões que contribuem para a formação e entendimento do ser. No dizer de Cândido (2011, p.177), a literatura atua como “um equipamento intelectual efetivo” e traz à tona “os valores que a sociedade preconiza, ou que os consideram prejudiciais”.

É na tomada de consciência da realidade que nos é apresentada que podemos vislumbrar possibilidades de sair da relação de dependência, avançando no processo de libertação das imposições externas. É um processo trágico, mas sofremos as consequências de um processo de colonização visível até os dias atuais. Essa tragicidade pode se dar no resgate daquilo que foi perdido e que se torna cada vez mais imperativo ter: valores.

A personagem Azarias representa a promessa que não se cumpre nas mais diferentes situações do processo de interlocução, em um mundo de falsas palavras. Já com o personagem Zé-do-Burro, o não cumprimento se dá por toda uma incompreensão do mundo e das vivências religiosas. Verificar-se uma falta de diálogo com as diferenças e uma desconsideração das influências do processo de miscigenação que nega o que é marca característica do povo brasileiro, acentuando-se a tragicidade.

Espera-se, por parte daquele que profere a promessa nos contextos de comunicação, que haja um comprometimento com aquilo que é dito. Em Zé, é claro o desejo de realmente cumprir a sua jura; já em Raul, é perceptível o lado obscuro do discurso: o personagem se coloca na posição do dominante. Ao pronunciarmos determinadas falas, assumimos as mais diferentes posições, dependendo dos interesses advindos dessa ação. No conto de Mia Couto, há um exercício de poder que se dá pelo discurso.

O trágico desenha-se à medida que o discurso da promessa se apresenta como uma constante luta para a sua concretização. Na peça de Dias Gomes, por parte daquele que busca cumprir a sua palavra, há uma intenção de fazer valer seus princípios religiosos, como forma de resgate da sua totalidade como ser humano. Do lado oposto, os antagonistas, representados pelo padre e pelo monsenhor, escondem atrás da religião a verdadeira faceta da intolerância e do preconceito. Trata-se do lado cruel do discurso, com a intenção tão somente de dominar, anular o outro, tirar proveito e levar à submissão. As ideias diferentes são vistas como ameaças: amam-se e aceitam-se apenas os iguais.

Conforme já adiantamos, sofremos com os reflexos de todo um processo de colonização, e, ao nos colocarmos em relação ao outro, adotamos posturas de dominado, estabelecemos relações hegemônicas; não nos constituímos como sujeitos, desse modo. Azarias pode representar uma forma de combate às ideias imperialistas. Mia Couto apresenta-nos um sujeito que vive em determinados espaços, mas não se encontra espiritualmente neles. Consigo mesmo, tem sonhos e acredita que tudo pode melhorar. Por meio do menino, o autor deixa suas marcas implícitas e faz uma representação de várias identidades.

Somos múltiplos e gregários – não estamos isolados em um canto do mundo. No conto, essa concepção possibilita uma análise do contexto social moçambicano. Segundo Sandra Nitrini (1997), Antônio Cândido pode ser considerado o principal exemplo de comparatista dialético da leitura da literatura brasileira, contribuindo tanto para definição desse campo teórico no nosso país, como para reorganizar algumas bases do comparatismo mundial. Para Candido, por meio da literatura, podemos pensar os espaços e as relações que estabelecemos com o mundo. Independentemente de onde a obra é produzida, há pontos de conexão que são convergentes em vários contextos. Há laços situacionais que nos aproximam, e não podemos negar os blocos enunciativos e as articulações nacionais. Dessa forma, percebe-se que a realidade, seja ela Moçambique, Brasil, possui pontos congruentes.

Podemos afirmar que as literaturas podem ser integradas sob o contexto comparatista. Conforme afirma Mata (2013, p. 4), citando Helena Buescu:

a partir da observação no âmbito mais alargado, que não apenas observar em português – portanto, africano, global – as literaturas, partindo do universo da reinvenção da diferença cultural do português nos espaços nacionais que o têm como língua de expressão literária, foram sendo referidos aspectos que tem a ver com trânsitos não apenas linguísticos e culturais, mas também históricos e ideológicos, com reflexos nos estudos literários, a partir de perspectivas teóricas que desvelavam as relações entre essas literaturas, ao mesmo tempo que as tornavam singulares enquanto sistemas nacionais.

Por exemplo, Dias Gomes, em sua obra, denuncia todo um processo de exclusão das diferenças e o egocentrismo arraigado em relação à cultura do outro; Mia Couto, por sua vez, discute os conflitos na relação dominante e dominado. De diferentes *locus* enunciativos, esses autores acessam o mundo, estabelecem relações com ele e suscitam questões que podem representar contextos e realidades diferentes. Um autor não fala de forma isolada. De fato, sua voz emite ecos que nos permitem pensar outras situações, outros lugares. A obra não pertence e simboliza apenas o lugar onde ela foi produzida ou ao qual ela diz respeito: por meio da literatura estabelecemos redes de comunicação.

No conto, Mia Couto apresenta uma contestação ao processo de colonização, sobretudo ao pós-colonialismo no contexto de Moçambique. Dias Gomes questiona a realidade brasileira e suscita a problemática de uma cultura marginalizada, a afrodescendente. Da mesma forma, Abdala Júnior, ao analisar os romances de Graciliano Ramos, afirma que o autor alagoano retrata diferentes problemáticas de vários atores sociais.

que eles se organizam em torno da aspiração do escritor por associar ficção a um processo histórico mais amplo. Sua aspiração pode ser situada como uma inclinação de sua potencialidade subjetiva, uma possibilidade que procura configurar como objetiva, um impulso que se projeta em seus horizontes de expectativas. O processo histórico em que se manifesta o sujeito, como se depreendem do conjunto de sua obra, vincula-se a uma práxis social que escapa às determinações individuais, mas também pode ser visto como uma rede supraindividual, que tem sus malhas definidas por múltiplos campos de conhecimento e circunscrições de práticas sociais. Não procura o escritor um sentido de totalidade enquanto um sistema fechado, mas como conglomerados de tensas redes de articulações mais gerais. Do individual ao social, redes e processos em interações associadas a contextos situacionais, em que configurações relações hegemônicas se debatem com tendências contra-hegemônicas. (ABDALA JÚNIOR, 2012, p.125-126).

CONCLUSÃO

As circunstâncias expostas nas obras aqui tratadas levam-nos a pensar as relações de poder em voga nos dias de hoje. Tais relações alienam as pessoas e camuflam realidades, acentuando tragicamente a condição do sujeito em determinados

lugares. O mundo moderno capitalista faz com que os seres humanos fiquem sem perspectivas e sem meios para sair de uma situação subalterna. Eles se encontram tão envolvidos nesse processo, que nem se dão conta de sua verdadeira posição diante de determinados contextos. Nesses termos, podemos relacionar o protagonista de *O pagador de promessas* às pessoas presas a um mundo que as devora, à medida que não conseguem extrapolar a realidade que se lhes apresenta. De certa forma, Zé-do-Burro e também Azarias compõem o cenário de personagens emparedadas e sem perceptivas futuras.

A promessa da escola faz com que Azarias vislumbre, mesmo que distante, uma possibilidade de saída para sua vida. Contudo, isso não se concretiza, ficando apenas no plano dos sonhos do menino. O conto é bastante metafórico: a escola, assim como a travessia para o outro lado do rio, poderiam significar a liberdade, o abrir de horizontes, aquilo que nos arranca da ignorância.

No conto de Mia Couto, a promessa não cumprida por parte de Raul nos faz pensar tragicamente tudo que é negado ao povo moçambicano no momento histórico do pós-independência. Azarias seria a voz que ressurgue das cinzas e que assinala um rompimento com a ideia de subordinação ao colonizador pelo colonizado. Por outras palavras, tal personagem pode ser lido como uma metáfora do desejo de muitos outros Azarias: o desejo de um sonho que quase sempre acaba frustrado. Em Dias Gomes, à personagem Zé-do-Burro também é negado o direito de honrar com seu propósito, de acordo com seus princípios religiosos. A história do personagem mostra que ainda reproduzimos de forma condicionada aspectos de uma estrutura sociocultural. Conforme afirma Abdala Júnior (2012, p. 127),

A hegemonia (e com elas suas formas *mentis dominantes*) é sempre porosa, tanto no mundo da economia, da sociedade e da política, como no da vida cultural [...]. Em ambas as obras, tudo se desfaz. [Para Paulo Honório de Graciliano Ramos], nada poderia ser diferente – modos de articulação dominantes – que levam os atores sociais que dele participam a práticas convencionais, determinadas, que os encarceram.

Assim como nas obras analisadas neste artigo, os Paulos Honórios representados em *São Bernardo* podem ser comparados aos Azarias e aos Zés-do-Burro em outros contextos diferenciados. Isso nos mostra o carácter plural da criação literária.

REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamim. **Literatura Comparada e Relações Comunitárias Hoje**. São Paulo: Ateliê, 2012.

BÍBLIA SAGRADA. **Hebreus**. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/hb>>. Acesso em: 19 set. 2016.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

COUTO, Mia. O dia em que explodiu Mabata-Bata. In: _____. **Vozes anoitecidas**: Contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GOMES, Dias. **O pagador de promessas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MATA, Inocência da. Literatura-mundo em português: encruzilhadas em África. **1616: Anuario de Literatura Comparada**, 3 (2013), p.103-118.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**. São Paulo: Edusp, 1997.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-071-1

